

UMA PAIZAGEM NA AUSTRALIA.

O GRUPO das colonias australienses compunha-se primitivamente da Nova-Galles do sul (1) e da terra de Van-Diemen. A Australia occidental foi-lhe encorporada em 1829, a Australia meridional em 1836, e a Nova Zelandia em 1839. Esta fórma uma colonia separada desde o mez de abril de 1844. A Australia propriamente dita compõe-se hoje de cinco governos; a saber:

Nova-Galles do sul, capital Sydney.

Victoria (antigamente Porto-Philippe) capital Melbourne.

Australia do sul ou meridional, capital Adelaide.

Australia occidental (antigamente rio dos cygnos *Swan-River*) capital Perth.

Tasmania (terra de Van-Diemen) capital Hobart-Town.

Estes cinco governos abrangem um territorio de 1.400:000 milhas quadradas de superficie, e uma população europêa de mais de 400:000 almas, 12 ou 15 vezes superior á que continham em 1835!

A população da Nova-Galles do sul, na origem, compunha-se quasi exclusivamente de degredados, e a da Tasmania da relê da de Sydney. Hoje não acontece assim, e a Australia tem representado energeticamente sobre a inconveniencia de continuarem para ali a enviar-se degredados.

A maior riqueza da Australia, até os ultimos tempos, consistia no producto das suas lãs. Contam-se n'esta riquissima colonia ingleza quinze milhões de

(1) Veja-se a interessante noticia dos usos e costumes dos habitantes da Nova-Galles do sul, a pag 121 do 1.º vol. do Panorama.

cabeças de gado lanigero, e o valor das suas exportações, só n'este artigo, excede hoje 14 mil contos de réis! As exportações de toda a Australia eram avaliadas em 1850-51 em 19 mil contos de réis, e as importações em 14 mil contos!

O valor das exportações duplicou depois da exploração dos terrenos auríferos, e em breve triplicará.

O *Argos de Melbourne*, de 20 de dezembro de 1851, avaliava em 20:000 o numero de mineiros no monte Alexandre, e dizia que podia calcular-se para cada um 4 onças de ouro. Os mineiros do monte Alexandre são hoje em numero de 40:000 pelo menos!

As questões suscitadas pelo descobrimento dos terrenos auríferos da Australia são de um grande interesse, e dão lugar, desde já, a considerações geológicas, economicas, commerciaes e politicas da mais alta importancia.

O descobrimento das minas auríferas, que têm attrahido áquellas regiões um extraordinario concurso de emigrados de todas as partes do mundo, causou de resto uma perturbação desastrosa em toda a extensão da colonia. A Australia é, como se sabe, uma dos pontos da terra mais fertéis. Abundam ali todas as produções naturaes de maior utilidade, como são os cereaes, o vinho, as fructas. Innumeraveis rebanhos cobrem as opulentas pastagens da colonia; os rios são mui povoados de peixe, e facilitam as communicações; o ar é puro; o clima excellente. Vivia-se ali na abastança e na paz. Hoje tudo está mudado. Os campos e as cidades estão desertas; não se enceleiram as colheitas, não se semeiam as terras, e os fructos apodrecem nas arvores. Nas cidades não se encontram obreiros, e os habitantes que em consequencia da idade, enfermidades, character, ou emprego, se conservaram fieis aos antigos costumes, passam algumas vezes as mais crueis privações.

E tudo isto por causa da mania do ouro, que bem mania se lhe póde chamar!

Entretanto, o governo inglez, que ninguem póde accusar de menos solícito, tem empregado e continúa a empregar energicos meios para remediar este estado, e é de esperar que o consiga, deixando a Australia de ser, como tem sido a California, theatro dos mais reprehensíveis excessos.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

I.

Calantica.

Se antiguidade dá nobreza, póde bem Arrayolos nos fóros da sua, posto que apenas seja uma pobre villa, honbrear com as mais possantes cidades; pois não faltam auctores, que façam remontar esta povoação ao tempo dos celtas, ou ao menos ao dos romanos.

O certo é que em sitio não mui remoto do assento da villa de Arrayolos, a menos de uma legua para noroeste (aonde hoje está a pequena aldêa de Sant'Anna do Campo) houve povoação romana; o que se prova pela simples inspecção da mesma igreja de Sant'Anna, formada nos restos de um templo romano.

Que o nome da povoação romana fóra o de *Calantica* o affirma André de Resende com alguns au-

ctores, ainda que outros variam algum tanto na orthographia d'elle (1). A lição de *Calantica* tem a

(1) Acha-se escripto *Calantica*, *Calantria*, *Calantia*, *Caiancia*, e até *Gallancia*.

Diogo Mendes de Vasconcellos faz duas vezes menção de Arrayolos: 1.^a nos Scholios aos quatro livros de *Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, na Taboa, que lhes acrescenta dos nomes latinos das cidades e villas romanas com os seus correspondentes modernos portuguezes, e ahí diz: *Calantica*, *Arrayolos*; 2.^a no seu livro de *Municipio Eborensi*, (que serve de continuação aos quatro ditos de Resende) no paragrapho em que descreve os limites do horizonte de Évora (pag. 17 da edição de Évora. 1593, fol.) dizendo: *Cingitur deinde Ebora jugumontis, quem Murum vocant, praeterea Calanticensi saltu, quem Arraiolensem vulgus nominat, etc.* E não sei onde o padre Antonio Carvalho da Costa, na *Corographia Portugueza*, e outros foram buscar fundamento para dizer, que Diogo Mendes de Vasconcellos chama a esta povoação *Calantria*, e attribue sua fundação aos gallos celtas. *Calantica* lhe chama também, além de Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, parte 2.^a livro 5.^o cap. 17, D. Francisco Manuel de Mello nas *Cartas Familiares*. Centuria 3.^a Carta 62; e o doutor Manuel do Valle de Moura, declarando a sua naturalidade no livro, que publicou *De Incantationibus*, diz: *patria Calantica*.

Calantria, diz o padre Bento Pereira na *Prosodia*. *Calantia*, diz o padre George Cardoso no *Agiologio Lusitano*, (tomo 3.^o dia 5 de maio, letra G.)

Calantia, *Calantria*, e *Calantica*, diz o padre Luiz Cardoso no *Diccionario Geographico de Portugal*, tomo 1.^o pag. 487 e 589.

Calantia, *Calantria*, e *Calantica*, diz Fr. Henrique de Santo Antonio, na *Chronica dos Eremitas da Serra d'Ossa*, tomo 1.^o pag. 35 e 43.

Callancia, diz o padre Francisco do Nascimento Silveira, no *Côro das Musas*, tomo 1.^o pag. 82, na nota.

Outros dizem *Gallancia*, como significando povoação de franczes, isto é celtas. — Padre Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa*, pag. 269.

O padre João Bautista de Castro, assim no *Mappa de Portugal*, impresso, como em varios logares de seus manuscriptos, que se conservam na *Bibliotheca Publica Eborensis*, segue a lição de *Calantia*, e em um dos ditos logares manuscriptos acrescenta, que auctores ha que affirmam, que esta povoação é sim obra dos romanos, mas que lhe chamaram *Arandis*, ou *Araudis*; confessando todavia o dito padre Castro que n'isto não ha assentar ponto fixo. E Gaspar Barreiros o auctor de maior nota, que attribua á antiga povoação de Arrayolos o nome de *Arandis*, que vem em Ptolomeo; mas o dito George Cardoso (loc. cit.) affirma que Meletio e Ortelio com alguns geographos modernos attribuem este nome a Torres Vedras. Manuel Agostinho Madeira Torres, na *Descripção historica e economica da villa e termo de Torres Vedras*, (tomo 6.^o das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*) encosta-se á opinião de Gaspar Barreiros. O padre Luiz Cardoso, no *Diccionario Geographico*, tomo 1.^o pag. 317, diz ser *Arandis* no logar do Reguengo de Alcalá, junto da villa das Alcaçovas, aonde o Chantre Manuel Severim de Faria achou vestigios de povoação antiga. Finalmente o padre Flores põe *Arandis* a quinze leguas de Ostonoba, ou Faro; e o padre Francisco do Nascimento Silveira no *Mappa breve*

seu favor, além da auctoridade de Resende, a de um fragmento de inscripção ahi mesmo achada, e transcripta em varias memorias (2). Não apparece porém hoje no proprio logar esta inscripção, nem ha cincoenta annos para cá ha ali noticia d'ella.

O templo era em figura de cruz de quatro braços iguaes, voltados aos quatro pontos cardeaes. Era formado de pilastras e paredes de grossas pedras de granito ali abundante, toscamente lavradas, e despidas de todos os ornatos e galas da architectura. Conserva-se com suas pilastras e architrave, formando parte da actual igreja, todo o braço da antiga cruz, que olha para o sul. Existe grande porção do braço de nascente, e alguma parte do de poente. O do norte foi destruido. No angulo formado entre os braços de nascente e sul parece ter havido uma capellinha pertencente ao mesmo templo. Pelas paredes das casas e quintaes da pequena aldêa de Sant'Anna se vê grande numero de pedras de cantaria, que sem duvida pertenceram ao edificio do templo. Em roda se descobrem alicerces de outras edificações; e de quando em quando se acham sepulturas com vasos lacrimatorios de estylo romano. De semelhantes descobrimentos já fez menção o padre Luiz Cardoso no *Diccionario Geographico* (tomo 1.º pag. 487), se bem que na imaginação de seu informador, taes sepulturas tomaram dimensões gigantescas (3).

da Lusitania antiga e Galliza Bracharensis, pag 269, diz: que *Arandis* parece ser *Arz*.

(2) Collecção da Academia Real da Historia Portugueza. Conferencia do 1.º de abril de 1734. — Padre Cardoso, *Diccionario Geographico de Portugal*, tomo 1.º pag. 487. — Padre Francisco do Nascimento Silveira, *Mappa breve da Lusitania antiga, e Galliza Bracharensis*, tomo 1.º pag. 273.

(3) Para mais ampla informação do leitor porei aqui por extenso o que do sitio de Sant'Anna, e suas antigualhas se acha, assim na collecção da Academia de Historia Portugueza, como no *Diccionario Geographico de Cardoso*.

Na Academia de Historia, em conferencia do 1.º de abril de 1734, disse o director, que o academico o padre Fr. Afonso da Madre de Deus Guerreiro participára na secretaria da Academia uma collecção de memorias, na qual se acha a de 315 Antas, « como tambem de um Cippo, que se acha na igreja de Sant'Anna da villa de Arrayolos, cuja memoria vem tresladada no dito livro, na fórma seguinte: Na igreja de Sant'Anna se achou uma pedra com letras antigas, mas tão gastas, que se não puderam lêr. Em outra pedra grosseira, que terá de face palmo e meio, e um exame (sic.) de grosso, e mostra ter comprimento, se divisam umas letras, e as que se pôdem lêr são as seguintes:

CARNEO

CALANTICE

SICAECLIA

OR NICUIS

R. CUIS.

« Accrescentando-se a dita igreja, se achou uma sepultura, e n'ella um pouco de metal, que alguns dizem que era ouro. »

O padre Luiz Cardoso varia um pouco d'esta narração dizendo no *Diccionario Geographico*, tomo 1.º pag. 486: « Sant'Anna. Freguezia na provincia do

Era o templo da povoação de *Calantica* mais pequeno, mas de risco semelhante ao de Endovellico junto á moderna villa de Terena. Coube-lhe tambem em parte semelhante sorte, porque ambos foram transformados em igrejas christãs; com a differença que do de Endovellico só lhe aproveitaram os alicerces, mas do de Calantica não só lhe aproveitaram uma boa parte das paredes, senão que a fouce estragadora do tempo, e a mão devastadora do homem tem poupado quasi tres quartas partes da construcção romana.

Um auctor estrangeiro do meiado do seculo passado, referido por outro de nossos dias (4), affirma que por estes sitios se encontram em abundancia antigos marcos milliarios, e chega até a transcrever a inscripção de um *Termino*, ou marco divisor dos termos entre Pacenses e Eborenses, dando-o por achado n'um outeiro junto da villa de Arrayolos.

Alemejo, arcebispado de Evora, comarca de Villa Vigosa, termo da villa de Arrayolos. . . A parochia tem por orago Sant'Anna. . . E a capella-mór e parte da igreja feita de pedras de desmarcada grandeza, lavrada, e fabricada; tem cal até o telhado, e dizem fôra obra dos romanos, o que parece se prova de uma pedra marmore, onde se vêem umas letras latinas, n'esta fórma:

A F C A

N A N I I

I E R M E

L A A V S

« Está outro pedaço de pedra, que parece ser de algum edificio, no qual, por estar quebrado, se vêem sómente as letras seguintes:

CARNEO

CALANTICE

« Tem mais letras, que por gastas se não pôdem perceber. Mandando-se accrescentar a igreja haverá dezeseis annos (*), e cavando-se a terra para se alimpar o logar, se achou uma pedra lavrada de muita grandeza com um buraco entupido de cal, e partindo-se se achou dentro uma barra de peso de dous arrateis, de um palmo de comprimento, dous dedos de largo, e um de altura; e presumindo-se ser ouro, teve noticia d'isto o illustrissimo cabido de Evora, e a mandou levar á sua presença; vendo-a o contraste, achou ser latão e estanho; mostrava ser principio de algum edificio. No mesmo sitio se descobriu uma sepultura, que parecia de um gigante, pela grandeza da pedra de cima, e dentro se achou uma vasilha de barro vidrado grosso, e uma caveira quebrada; tudo com a pancada com que se quebrou a pedra de cima; a grossura da caveira era demasiada. Querem alguns que n'esta freguezia fosse algum dia a cidade de Calantica, o que parece se prova das segundas letras, e segunda pedra mencionada. O padre Bento Pereira, no *Additamento Portuguez*, fallando de Arrayolos, lhe chama na lingua latina *Calantia*, o que tudo se conforma com a inscripção da segunda pedra. »

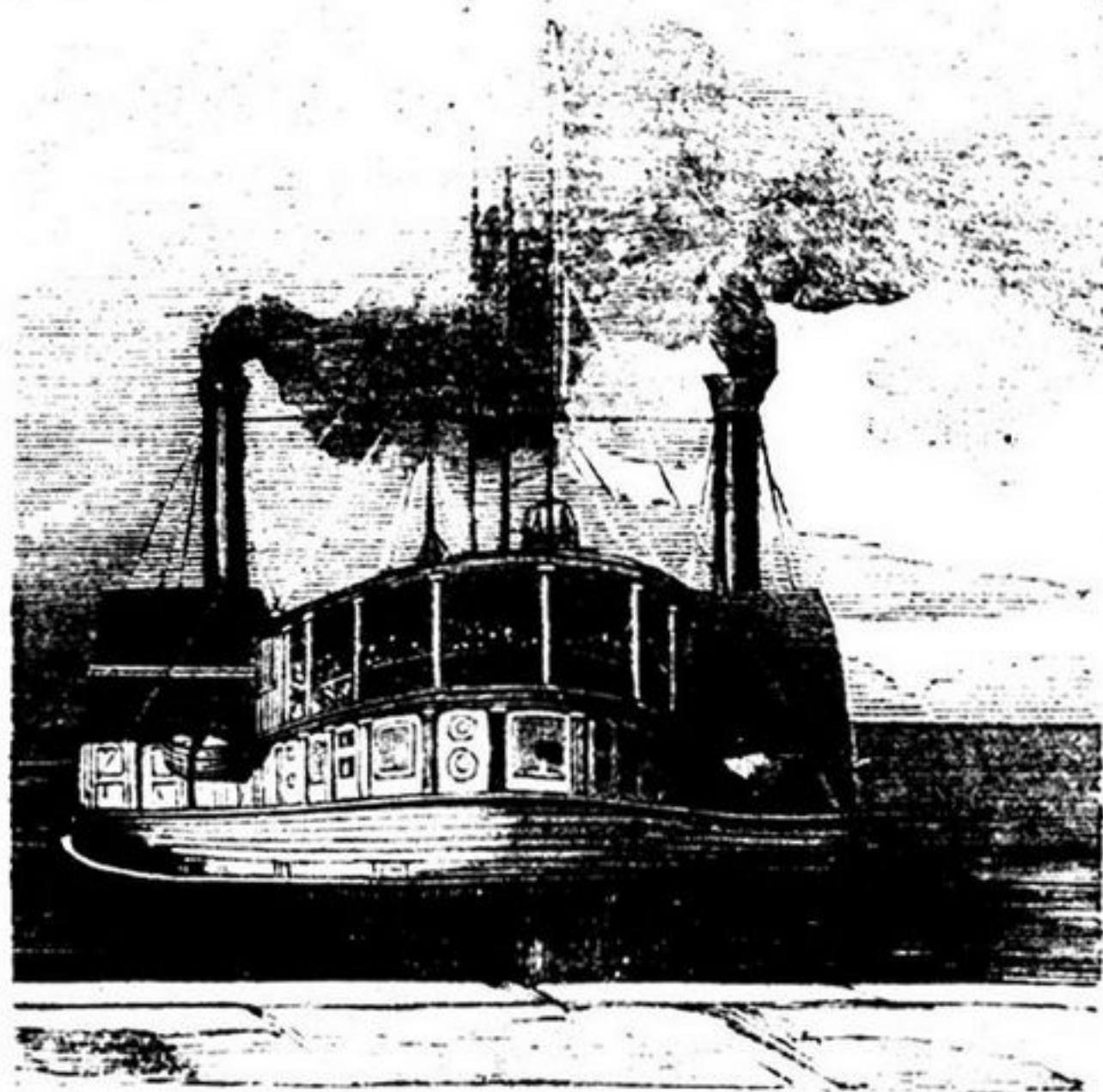
(4) Historical, military, and picturesque obser-

(*) O padre Cardoso escrevia em 1745.

Eu por mim confesso que nem deparei por aqui com lapida alguma milliaria, nem me posso persuadir que este sitio fosse o proprio para divisar termos entre Beja e Evora. Aqui deve andar alguma equivocação do viajante, ou confusão em seus apontamentos.

Concluirei referindo na fé de Fr. Bernardo de Brito (5), fundado, já se sabe, no seu Laymundo, que em uma fortissima irrupção dos povos germanicos pelas terras do imperio romano, e em particular por Hespanha em tempo do imperador Gallieno (6), foram destruidas algumas cidades de Hespanha e Lusitania, e entre ellas *Calantica, que foi junto de Ar-rayolos.*

J. H. DA CUNHA RIVARA.



MARINHA A VAPOR NOS ESTADOS UNIDOS.

O ESPANTOSO desenvolvimento da opulenta republica americana assombra o animo mais arrojado.

Em relação a marinha mercante, empregada na navegação interior, é aquelle desenvolvimento, admiravel; não é um vapor, que faz a communicacão entre um e outro estado, são muitos centos de vapores.

Mas muito se enganaria ainda quem avaliasse da força e capacidade daquelles vasos pelos que frequentam os nossos portos: comparados com elles os barcos a vapor americanos são verdadeiros gigantes. Damos, para exemplo, na nossa gravura, o desenho do *Bay State* recentemente construido. O diametro das suas rodas é de 13 metros. Em roda da mesa do jantar podem sentar-se quatrocentas pessoas. A landeira tem cerca de 10 metros. Este navio via-

ventions on Portugal, by George Landmann. — London 1821, 2.^o vol. pag. 151.

(5) Monarchia Lusitana, parte 2.^a livro 5.^o cap. 17.

(6) Este imperador foi morto no anno 271 da era christã.

ja de noite, costêa Nova-Jork, e depois de haver percorrido nm espaço de mais de sessenta milhas, para em Newport, onde larga os passageiros, que seguem, no caminho de ferro, para Boston. Não é a uma casa que pôdem comparar-se estes vastos navios, senão ao quarteirão de uma cidade. O navio que commandava Agamemnon, quando partiu para o sitio de Troia, seria hoje apenas uma pequena curiosidade, que se poderia expor em uma das camaras do *Bay State* para divertir os viajantes.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XIV.

O Oratorio.

GOMES -Lourenço escolheu a ermida antiga para se reconciliar com Deus, e com as cinzas de seu pae, chorando sobre ellas as ultimas lagrimas, que sem pejo podia derramar na terra.

D. Nuno e Martim Paes, longe de recusar, apresaram-se em acceder aos seus desejos. Não foi impulso de generosidade, foi calculo de homens cruéis. Ambos sabiam, que o oratorio, aonde nos cerca de toda a parte o pavor da morte, é mil vezes mais atroz para o espirito de quem padece, do que a mudez e a noute profunda de um carcere.

Tormento, que muitas dôres ulceram, o carcere é o tempo, é a solidão, é o eterno aneiar do coração que vive, e não pôde levantar de cima de si a pedra d'uma sepultura. A memoria, como o abutre de Prometheu, devora-lhe os affectos até o peito ficar ermo, vacillando apenas meias apagadas por fim as saudades da ventura que passou.

Mas para aquelle que vae entrar logo na eternidade, o tempo é o momento que vê partir a setta; e o silencio do mundo em volta de nós, nem basta quasi para o espirito antevêr o infinito. A memoria, ao limiar do tumulo, que mais faz do que revoar por entre recordações e pezares, antes de ir queimar-se á luz do facho funebre?

As masmorras, cavadas nas raizes dos castellos, encerravam o veneno lento da vingança como a entendiam os animos ferozes d'aquelle seculo. A idéa do captiveiro apalpava-se nos ellos de ferro, carcomidos em volta dos ossos; estava escripta nas letras, que as unhas do captiveiro riscavam na abobada esverdeada. Agonisava-se ali annos inteiros pedindo a morte. As trevas densas que pezavam sobre o peito; a eterna mudez do jazigo; a queda monotona da agua no chão limoso; e o arrastar dos reptis immundos, exacerbavam o padecimento com a lembrança de que lá fóra, debaixo do céu da patria, as vagas arqueando-se livres, as aves fugindo soltas, e os bosques ramalhando com o vento, saudavam em gorjeios mututinos o sol que alegre as veigas, odia que esmalta as flôres, e o resplendor que innunda os mares.

Aquelle que dentro do carcere sonhou já com a luz, com o céu, e com os rios e montes, que nunca mais espera vêr, só esse sabe o prego do luar, que adormece na balouçada copa do ulmeiro; da fogueira que estala aos pés do pastor nas malhadas; e da aragem que se bebe pura, correndo livre como ella, ainda que seja sobre as areias de um deserto.

Quando a vida pende de um fio, o colar de tre-

vas que nos estreita; a neve que nos regela; e a solidão que repercute os gemidos, o que significam diante da eternidade em que a alma quasi se abysma? Mais obscura e gélida do que elles todos é a morte!

A' noute, relampejando a tempestade, e povoando-a o vento de soturnos murmurios, a capella aonde o mancebo ía agonisar era como uma ponte lugubre, lançada do mundo para o sepulchro. No oratorio estava o terror, a agonia e a desesperação.

Descendo em pregas pelas paredes, as tapessarias atufavam-se e rangiam com o furacão que soprava pelas fendas das pedras desconjuntadas. No meio das tres campas tinham armado um estrado, com o cepo em cima. O cutello via-se no alto d'elle; e a mortalha ao pé escondia metade da folha luzente. Vin-te passos adiante, a tumba junto da cova aberta esperava por um cadaver.

O cavalleiro de Salzedas estremeceu. De todos os lados achava a imagem da morte diante de si; nas figuras de pedra das campas; nos aprestos do supplicio; e nas disposições do enterro. Os bramidos do temporal entravam ás lufadas pelas frestas; o motim das aguas no esteiro do Mondego cada vez crescia mais; e o rebombo dos trovões vinha casar-se accorde com estas harmonias tremendas.

O lampadario deitava aqui e ali uma claridade baça, que não podendo desfazer as trévas do vasto recinto, allumiava frouxamente um pequeno espago, recortado em orlas desiguaes, na escuridão circumstante. A luz, bruxuleando ao vento, ora palpitava mortal, ora estremeceu despertando em vascas. As sombras do cepo e do ataude, e as das estatuas e corpos d'armas, com o vacillar do clarão dançavam no pavimento, corpulentas e fantasticas umas, confuzas e indelineaveis outras.

A' força de gradualmente se embeber nas reflexões, que o sitio despertava, o mancebo perdeu o sentimento da realidade. Os olhos convulsos dilataram-se; os cabellos errigaram-se na testa banhada de suor; e pela vista deslumbrada passaram desfigurados todos os objectos. O cerebro endoudecia com as lugubres visões da morte.

Pareceu-lhe que as louzas se abriam, e que os finados se punham em pé conchegando os sudarios. De cada vão e de cada pedra alçava-se um espectro. A tumba e as estatuas, as cruces e as campas, movendo-se lentas a principio, e girando rapidas depois, dobavam no ar lucidas e transparentes como cristal, leves e subtis como vapores. Armaduras oucas pareciam andar, sem tocarem no chão. Braços e mãos despegadas; caveiras com luzeiros nas orbitas, surdiam e sumiam-se ao acaso. Cuidava sentir os crancos rolando pelas lageas, e os esqueletos rangendo para se erguerem. Tudo isto apparecia, e desvanecia-se em um só raio da vista, vibrando um som unico ao ouvido. O demonio do delirio, na sua carreira fantastica, tinha passado por elle um instante. Mas esse instante foi horrendo!

Por fim os nervos distenderam-se; as arterias frontaes bateram menos vivas; e as larvas, filhas do terror, desfizeram-se, semelhantes ao pesadelo, que o raio matutino affugenta do peito do enfermo. Um alento de melodia branda veio asserenar as ancias do pensamento. Eram sons vagos de côros, e vozes de harpas; o ouvido não os percebia; e entretanto no cerebro entoava uma symphonia meiga, como as dôces palavras do primeiro amor. Quando Gomes Lourenço tentava um esforço e escutava em redor de si com espanto, não ouvia senão a tormenta; pareceu-lhe que a muzica estava dentro d'elle, e com tudo que a via e palpava. Foi um relampago de

harmonias; depois, a pouco e pouco, sentiu-as esmorecer, e fundirem-se em uma nota melancolica, n'uma palavra unica « morte! » A razão, vacillando, estaria proxima da loucura? E que as grandes dôres, quando se accumulam n'um momento só da vida, ou matam o espirito e a razão, ou fazem do homem um cadaver.

Na esvaída mente combatiam as recordações que desperta a memoria, e os remorsos do silencioso scismar. Por entre elles faiscavam idéas más, que riam das suas lagrimas. Nas sombras que o sepulchro estendia em roda, nenhuma esperança consoladora cortava o horror, e este era tão forte, que arrancava ao mancebo um grito mais dorido e mais funebre, do que a espantosa solidão, que o repercutia.

As grandes angustias não podem ser continuas sem quebrar o fio da vida. Atraz d'ellas vem a morbida somnolencia, em que os sentidos dormitam, e o espirito sonha, e se recorda. Os tempos que foram, as alegrias que os matizaram, e os pezares que os escureceram, vivos como na hora em que existiam, apparecem no espelho do meditar interno. E quantas vezes, como lente ustoria, não abraçam corações envelhecidos, e almas murchas do viço da esperança!

Asentado na campa do conde Ordonho, com a cabeça entre as mãos, Gomes Lourenço parecia morto de sentimento e de sentidos; e entretanto, em miputos, aos olhos do seu espirito, a lembrança avivava-lhe todo o quadro do passado.

Levando-o de repente aos sitios da primeira mocidade, por entre os ramos dos choupos e acima da cova dos ulmeiros, amigos velhos do solar, mostrou-lhe a antiga torre dos Viegas. A diante via a fonte que refrescava o terreiro. Depois o cirado em que brincou os jogos da infancia. Sentiu os relinchos dos ginetes, o vozear dos monteiros, e os latidos das matilhas. Com o pé no estribo, e o falcão em punho viu-se a si e a seu pae, que o abraçava como na ultima vez, em que partiu para não tornar.

A scena mudava logo, era um matto escuro. Sobre giestas calcadas estava o cadaver do senhor de Salzedas, tendo ao lado o galgo arquejante, e adiante parado o seu cavallo, que esperava immovel. Meio confuso representou-se-lhe tambem o bello rosto de sua mãe. Nos olhos serenos, da cor do céu, gelavam-se as ultimas lagrimas, que lhe deixou cair no coração, quando em um osculo, dôce de ineffavel ternura, lhe imprimiu com os labios o extremo adeus.

Atraz d'esta visão tudo variava. Era o campo da peleja desenrolando-se como a tela do pintor. Era a corrida solta dos cavallos; os cavalleiros e as armaduras topando em cheio, sétias em cardumes, enegrecendo os ares; e as trompas soando com brava alegria, acima do fragor das armas, e dos ais dos moribundos. O mancebo assistia em espirito a esta scena de sangue; sentia-se no meio dos esquadrões respirando entre os rolos de pó, ennovellados adiante do galope, e no centro das fileiras que se embatiam ao passo que as lanças voavam em lascas!

N'esta serie de visões fantasticas uma só imagem se não desvanecia nunca: era a de Maria Paes. As vezes contemplava-a com as côres rosadas da fadiga, á redea solta, pela coutada de Lorrão. Depois, inclinada para elle, com o riso na bôca, e os olhos languidos de paixão, como quando rompendo o silencio lhe bradára: « oh tambem eu te amo, Gomes Lourenço! » Finalmente viu-a com a ira a fuzilar na vista e o desdem nos labios, do mesmo modo que tinha pedido vingança á espada de seu irmão. E esta imagem offuscava todas. Contradição incre-

vel, mas verdadeira! Depois de enganado, adorava-a como nunca.

O jubilo ou as grandes magoas, quando não cabem na alma, espiram para o céu esses canticos, que a bôca não entôa, que a mão não escreve, e que o mundo ignora, porque não incarnam na forma, que revela o pensamento do homem; mas como luz dourada fluctuam e resplandecem sobre as vagas tempestuosas, em que a razão se abysma. A poesia é a lingua harmoniosa do espirito, quando a dôr, o entusiasmo, ou a esperança, o elevam acima da prizão de limos do nosso desterro. Por ella se adivinha o céu no meio das ancias da terra; por ella se alevanta o pesado véu, que nos esconde o futuro, escripto por Deus na face dos astros, no dorso mudavel das aguas, e no manto semeado de estrelas da noite! A poesia é uma revelação sublime que desce sobre o homem. Foi ella, que ergueu um cantico na alma do mancebo; e entre tanto nenhuma das reflexões, que seguem, passou do seu coração. Os labios ficaram mudos; o espirito é que falou.

«Porque estou inconsolavel? A vida é um desterro. Feliz o que antes de encostar o bordão de peregrino, não perdeu a fé com que principiou a jornada.

«No fim d'ella a morte consola.

«Se depois de nascer o homem soubesse o que é a vida, tinha menos horror ao tumulo. D'elle ao menos não se volta para o captiveiro.

«A' hora em que a lua adormece no topo das cruzes, e a aragem estremece os ciprestes dos jazigos, é bello vér quebrar as ondas espumantes em praias fragosas. Porque a noite, o silencio, e a lua, só os entende aquelle que seisma junto do vulto indelincavel das aguas.

«Lua, tu és triste como a alma do que morre; muda como a dôr de mãe inconsolavel; suave como o sorriso do amor virgem. . . Por isso eu te amo!

«Mas é mais bella do que tu ainda a noite, que passa, corôada de chammas, nas azas da tormenta. Mansa, dormitava como o coração do homem; chamou-a o temporal; e ergueu-se irada, terrivel, como a cholera do que opprimem!

«O coração do homem! . . . Elle, e o amor são infinitos. — Um na esperança, o outro na amargura.

«O amor e o mar são immensos e profundos. Serenos espelham o céu na face, e volvem flôres nas vagas; mas no seio está o abysmo, e rugo o inferno. O mar e o amor enchem o mundo! . . .

«O sepulchro, que aterra os venturosos, consola os que padecem. O que importam a quem cerrou os olhos as momices d'esta fôrça chamada vida?!

«Curta e tempestuosa a minha existencia foi um dia de inverno. Sinto, depois de a ter vivido, que melhor era morrer quando nasci. O que levo eu d'ella?

«A guerra é uma embriaguez; a ambição, um jogo; a sciencia, pura mentira; e a virtude, sonho. . . . Aonde está pois a verdade, senão no amor?

«Para o que nunca amou a vida foi noite sem dia. Veiu ao mundo para gemer.

«Abençoada seja a hora em que eu ame!

«Se o amor nunca marchasse! Não tinha Deus creado o céu. . .

«Nem o inferno! Porque será a mulher esperança e dôr; prazer e morte; luz e escuridão? . . .

«O meu coração mirrou-se nas amarguras do desterro. Os meus dias foram rapidos e turvos como o sol levantado no deserto. O Senhor entornou sobre

mim a taça das suas iras; e o meu amigo, passando, não me conheceu.

«Este mundo não val as lagrimas que se choram ao nascer!

«Chamei por Deus e não me ouviu. Porque será elle surdo aos clamores dos que soffrem, e cego para os crimes dos que opprimem?

«O sangue corre mais largo, que os rios; as lagrimas molham o chão, como orvalho; os gemidos dos que morrem enchem os ares; todos chamam por Deus! E os máus triumphantes calcam a sua imagem aos pés; por escarneo invocam o seu nome; e acabam rindo-se da justiça e do remorso!

«Aonde está Deus?»

Aqui, uma pancada leve no hombro acordou o cavalleiro das tristezas que sonhava.

(Continúa.)

VIAGEM AO MINHO.

Ao meu amigo Luiz Augusto Rebello da Silva.

INTRODUÇÃO.

MEU LUÍZ. — Ahi vae mais uma historia de viagens invadir a arena litteraria, e provocar as santas iras da critica. É preciso alimentar o ocio patriarchal de alguns malevolos escriptores, e acho-me com a coragem necessaria para dar o meu contingente; talvez seja isto uma dôce illusão em que vivo; que ninguem se occupe do meu escripto, e nem se quer se dêem ao trabalho de o lêr. Paciencia! Tu ao menos has de lê-lo, porque t'o offereço, e sei que, abandonado e esquecido por todos, lhe farás a justiça que merecer. Esta certeza basta-me como recompensa do meu trabalho; e, digo-o francamente, o meu desejo, é que o aches do teu gosto, e possas com a sua leitura passar algumas horas esquecido das fadigas litterarias em que vives, e das lides politicas em que não queria que vivesses. Não julgues pelo primeiro ou segundo capitulo do merito da obra; guarda para o fim a tua opinião, e isso fará com que eu viva mais tempo na esperança de que ella te não desagrade. Sabes quanto são tardias as publicações nas columnas de um jornal, mas não ignoras a vantagem que d'ahi resulta, que é o poder-se meditar bem o que se escreve de uma semana para outra? Pois bem; eu, não tenho paciencia de rever o que escrevo; prefiro antes que depois me dissequem os meus artigos linha a linha, do que ter a obrigação de os emendar. É um grande erro; que não poucas vezes me tem custado caro; mas que queres? Para ti, e para as pessoas que me conhecem, a minha preguiça em trabalhos litterarios é uma cousa proverbial! Envergonho-me d'ella, mas resigno-me; porque bem vejo que estas confissões apparecem a cada passo entre nós. São effeitos d'este ar que respiramos, d'este céu languido e morbido que nos cobre, d'esta natureza peninsular, toda suave, meiga e creadora, que nos gera o amor no coração, e o deixa fugir pela indolencia que temos até para gosar! Olha; em mim, sobre tudo, apesar do quebrantamento que faz o clima, imperam os habitos do Brazil, onde vivi tanto tempo; habitos deliciosos, que adoro, e que me farão sempre respeitar aquella terra abençoada, onde até os animaes morrem de sede, com os pés dentro d'agua, para não terem o trabalho de a beber!

Estylo, fôrmas, unidade d'acção, esthetica, ou plástica, como hoje se diz, são cousas que não en-

contrarás n'estas viagens, onde o sublime será ridiculo, e o ridiculo sublime, se eu os puder e souber empregar com vantagem do leitor e minha. Não drocuro seguir ordem alguma, porém hei de esforçar-me por ser coherente. Isto tem um principio, como todas as cousas; quanto ao fim, ha de ser onde acabar.

Conto com a tua benevolencia para todos os defeitos da obra, que espero em Deus concluir, para honra minha, e gloria da terra em que nasci. Estou convencido, e desde já o asseguro, que se este escripto desprezencioso chegar um dia a ser livro, não o avaliarão como merece, e perder-se-ha, como tantos outros, entre esse grande cataclysmo de viagens e narrações, que enchem a terra, desde a *Voyage autour de ma chambre*, até á *Voyage autour du monde*; mas a posteridade me fará justiça, e reconhecerá, chorando de gratidão sobre a minha memoria, o serviço que fiz á humanidade, e a gloriosa herança que n'esta obra leguei ao meu paiz!

Forte n'estes principios, e com a consciencia tranquilla, vou dar começo á *Viagem ao Minho*, pedindo-te desculpa de ligar o teu nome a uma producção, que se me não immortalisar, será mordida pelos criticos, ou roida pelos ratos.

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOGAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

III.

NATURALMENTE devoto, e até supersticioso, a sede dos applausos e o cortejo do seu auditorio levou-o a competir na impiedade com os escriptores mais irreligiosos. O mesmo homem, que vimos no leito da morte estender os braços ás consolações da igreja, e nutrir a alma e o canto com as promessas da remissão christã, nos dias de lóucura e de ebriedade, desvairado e calando á forga os remorsos, molhou a penna em fel, e negou a propria consciencia, para colher o venenoso elogio de falsos amigos!

No meio das continuadas distrações das sociedades, aonde o dom de repentista se exaltava com o entusiasmo dos admiradores; entre os cuidados e as negligencias de uma vida, em que o dia de hoje desconhecia o dia de hontem, e ignorava o seguinte; passando da hospitalidade de um protector rico para o tugurio humilde de um pobre como elle; incapaz de sujeição e inimigo de qualquer freio, supportava mais alegre a indigencia, do que o constrangimento, fazendo da incuria a sua divindade tutelar! Rejeitando muitas vezes a offerta de empregos, que o livrariam dos apuros quotidianos, para não arrastar o grilhão das obrigações, batia moeda com os versos, e despiu-se do que lhe davam para vestir a miseria, com a mesma facilidade com que accitava o beneficio. Em Lisboa, em Santarem, nas festas e nos serões, esta existencia *folgada e milagrosa*, como elle dizia, nunca se desmentiu, nem lhe pareceu pesada. Tiradas poucas horas para a leitura, alcançado momentos antes o pão de cada dia, sentia o estro livre, e o espirito desassombrado. O futuro era

para elle como o presente — um caso de confiança em Deus, em si, e na generosidade inexgotavel dos que o soccorriam.

N'este desasosegado e incerto viver, os impulsos ruins dos maus momentos achavam desgraçadamente entrada no seu animo, e a cegueira do amor proprio abria nelle ouvidos faceis aos pessimos conselhos dos aduladores. Sem ser mau timbrou algumas vezes em o parecer; sem ser impio não se envergonhou de o fingir; o amor da novidade, e o desejo de se tornar o idolo da turba, que o incensava, precipitaram-no, pelo desregramento, em aberrações indesculpaveis. As idéas, sustentadas pela eschola encyclopedista de França, por todos os meios de persuasão, que os mestres em impiedade sabiam empregar, principiaram a romper o cordão sanitario da censura; e os livros, cuja pegonha agradavel foi mais uma cillada contra as crengas, desejados com a curiosidade que a prohibição excita, entravam a furto, devoravam-se em segredo, e iam colhendo proselytos até nas classes nobres e nos claustros. As primeiras raizes do mal começaram a pegar por tanto na terra, e se não profundaram mais é porque a terra não as favoreceu! A revolução franceza, os seus principios novos, o estrepito dos acontecimentos, e a gloria militar das suas armas, davam as theses expostas nas obras dos philosophos (donde em grande parte surgira o facto triumphante) um valor e um alcance, hoje muito difficil de comprehendere.

O povo reinando em logar do rei; uma nação moderna imitando as instituições, e repetindo os feitos das antigas republicas; por toda a parte os seus exercitos vencedores; em todos os logares o nome da liberdade proclamado, como explicação de tantos prodigios, eram rasgos extraordinarios bem proprios para accender a imaginação dos homens, que não se questravam o espirito á acção intellectual do mundo. Admirador de quanto se lhe representava grande, Bogage seduziu-se pelas apparencias ainda mais do que pela verdade; e sonhou com a glória de ser o introductor em Portugal das theorias, plantadas no seculo 18.^o, e para elle assim como para os mais adiantados portuguezes, cheias de illusões, e inteiramente distinctas da pratica. A belleza tentava-os; os horrores, preço da conquista social, viam-nos de longe; e o doce nome da liberdade escondia aos seus olhos a maior parte do sangue e das lagrimas, que a lucta derramara, desde que o filho de Luiz XV subiu ao cadafalso, mais a monarchia, em expiação dos erros de seus paes!

O risco e o receio, que acompanhavam a leitura, e muito mais a profissão das idéas irreligiosas e liberaes, augmentavam o sabor á infracção da lei, e davam quasi poetico aspecto ao delicto litterario, que sem os ferros e as censuras, perdida a importancia, caíra sob as varas do desprezo, pena fulminada não nos codigos, mas pelo maior dos legisladores humanos — a consciencia publica, que só por poucos e raros momentos se deprava! Eis em resumo as influencias, que provavelmente imperaram no animo de Bogage, excitando-o a entregar-se á composição de versos impios, forçando a tendencia devota e supersticiosa da sua alma. Excessivo ardor de imaginação; pessimas suggestões dos aulicos do Parnaso; e desvairado desejo de applausos, foram de certo os maus conselheiros, que escutou, e a que succumbiu. Vejamos agora os resultados.

A causa, que invocaram as auctoridades civis e ecclesiasticas para procederem contra elle nasceu do conhecimento da epistola:

« Pavorosa illusão da eternidade »

da qual milhares de copias se espalharam, assim como de diversas outras produções reprensiveis e anti-religiosas, inspiradas pelas musas obscenas de Parny e de Piron. Além da aberração deploravel contra a fé e os costumes, Bocage era tambem accusado de ter composto alguns versos liberaes, em que as aspirações da alma livre, rompendo os vinculos da censura, podiam capitular-se de audaciosas liberdades de pensamento, em uma epocha, e com um regimen, que não admittia a tolerancia no seu codigo. Diante dos excessos da revolução franceza, terror perenne do animo dos governantes, e em presença da educação publica tão calculadamente claustral, tendendo tudo a sumir as perigosas luzes, que inquietavam a Europa, estas poesias deviam figurar-se aos olhos do poder como um attentado contra a veneração da monarchia, como um delicto monstruoso contra o principio catholico, mais ou menos abalado em toda a parte. Não admira, portanto, que as arguições dos phariseus da lei, e dos supersticiosos da religião, engrossassem todos os dias, e que os inimigos de um poeta, como elle proprio se apregoa

„Inimigo de hypocritas e frades”

— aproveitassem com prazer a occasião de trabalharem para a sua ruina.

Entre os versos, que se lhe attribuem, postos de parte mesmo os impios e licenciosos, havia bastantes capazes de provocarem o susto e o rancor dos que viviam do throno e do altar. Quem, celebrando a victoria de Bonaparte sobre os estados pontificios, não duvidava fechar um soneto, mais do que audaz, com o seguinte terceto:

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata; . . . ficam-lhe em despojo
Tiaras, mitras, bullas, bagatellas.

não podia queixar-se de que a Inquisição lhe fizesse crime d'elle, e o tivesse recluso nos seus carcerees. Meio seculo antes o desgraçado Antonio José expirava nas chammas, sentenciado por muito menores culpas!

A denuncia destas composições imprudentes chegou ás mãos do intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, e este entendeu que era do seu dever passar immediatamente ordem de prisão contra o indigitado auctor das impiedades, que escandalisavam a crença dos verdadeiros fieis, e faziam ulular de raiva os falsos devotos. Elmano morava então em casa de André da Ponte do Quental e Camara, cadete do regimento denominado da Armada; e ignora-se quem o avisou da diligencia; mas é certo que o soube e que tratou de se evadir, fugindo para bordo da corveta *Aviso*, que estava para sair em poucos dias para a Bahia. Quando os belegins o buscaram, não achando senão a André da Ponte, prenderam-no, e apoderaram-se logo dos livros e papeis, que não houve tempo de salvar, assim como faltou do mesmo modo para ser prevenido o companheiro. A 10 de agosto de 1797, sendo descoberto na embarcação, aonde se homisiava, a justiça lá foi, e trouxe a Bocage para a cadeia do Limociro, aonde entrou, e esteve de rigoroso segredo.

Na mesma data officiaava o intendente Manique ao juiz do crime do bairro de Andaluz, mandando abrir devassa sobre o procedimento de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, suspeito de ser o auctor de alguns papeis impios, sediciosos e criticos, espalhados nos ultimos tempos pela côrte e reino. O magistrado decrescentava, que as informações lhe representavam

o poeta como desordenado de costumes, desconhecedor das obrigações religiosas, e remisso na pratica dos sacramentos, que os preceitos da igreja mandam guardar. Já se vê, que as culpas imputadas não eram nada leves, e que a opinião da auctoridade pouco tinha de favoravel. Manique neste officio mostrava-se tão inclinado ao rigor, que não só ordena ao corregedor, que proceda á devassa para averiguação dos factos, mas que apprehenda todos os papeis, manuscritos ou impressos de Bocage, mesmo em poder de terceiros, seus sequazes, devendo estes ser presos igualmente, e a sua vida examinada, a fim de se conhecer se imitavam na dissolução de costumes a Manuel Maria!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

CHIMICA APPLICADA ÁS ARTES.

PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DO OLEO DE PALMA E SUA PURIFICAÇÃO.

DIVERSAS tentativas se fizeram para separar d'este oleo a parte fluida ou oleína, e para applicar a materia solida ou stearina, primitivamente branqueada, á fabricação das vélas denominadas de stearina. Em França, com especialidade nos annos de 1842 a 1846, se concederam muitos privilegios de invenção e introdução para semelhante fim, mas os diversos meios propostos fundavam-se todos na separação da stearina e da oleína por meio de agentes chimicos.

No processo de mr. Newton esta operação tem logar pela simples pressão sem recorrer á saponificação e ao emprego dos acidos: o auctor começa por derreter ou liquifazer o oleo de palma, e depois os deixa lentamente esfriar. Os cristaes que por este meio se formam, submettem-se a uma primeira pressão que separa uma certa quantidade de oleína; as partes solidas são de novo derretidas e cristalisadas pelo resfriamento, e depois submettidas a uma segunda pressão mais forte; por esta fórma se obtem a stearina perfeitamente pura, e de uma sufficiente dureza.

— Eis-aqui as particularidades da operação.

Tome-se o oleo de palma já purificado e branqueado, e deixe-se em um vaso de ferro ou de outra qualquer materia, e ferva-se até á temperatura de 212º. Fahrn. (ou 100 grãos centigrados) na qual se conservará por espaço de uma hora, depois do que a mesma materia se porá em celhas, ou tinas aonde resfriará lentamente. Assim que os cristaes se tiverem formado, tirar-se-hão d'ali e serão envolvidos em um estofa de lã, que se denomina *malfil* (*sacco de clina*), depois de haverem sido divididos por porções de 17 a 33 arrateis portuguezes, ou conforme as dimensões da prensa de que se fizer uso; porém a prensa hydraulica é a todos os respeitoes a mais preferivel.

Feito isto submete-se de novo a materia a uma menor pressão, durante a qual pouco a pouco se vae separando um terço da oleína que contém; os outros dois terços compõem-se da porção solida que fica nos pannos de lã.

(Continúa.)

— Nos casos em que o saber é uma obrigação, a ignorancia é mais que uma falta; o erro voluntario é mais que um erro; chega a ser um crime.

BASTOS — MEDITAÇÕES.